

O Efeito Ghost e a Verdade Suja Sobre a Arte de Fazer Cerâmica

Por Eduardo Woetter · Publicado em 28/05/2026

A gente cresce achando que fazer cerâmica é exatamente aquela cena sensual do filme Ghost, até o dia em que descobre que a realidade envolve domar fogo a mais de 1400 graus e, historicamente falando, lidar com urina de réptil. Uma crônica honesta e suja sobre a arte de moldar o barro no Dia do Ceramista.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://woetter.com/post/o-efeito-ghost-e-a-verdade-suja-sobre-a-arte-de-fazer-ceramica>

Hoje, dia 28 de maio, o calendário nos avisa que é o Dia do Ceramista. Como alguém que passa a maior parte da vida imerso em abstrações digitais, otimização de painéis do WordPress, roteiros para Reels e refinamento exaustivo de prompts para inteligências artificiais, a ideia de uma profissão baseada inteiramente em sujeira tátil me soa quase como ficção científica. Foi pensando nisso que decidi homenagear a data. Abri meu painel de geração de imagens, pensei em como a cultura pop enxerga essa nobre e ancestral profissão e joguei os comandos. Imediatamente, a imagem clássica do filme Ghost veio à cabeça, e o algoritmo fez o que faz de melhor: materializou o exagero.

O resultado está aí. Dois sujeitos com o percentual de gordura de um atleta olímpico, perfeitamente iluminados, cobertos por uma camada de argila estrategicamente colocada para realçar a definição muscular, recriando a tensão dramática da roda de oleiro. É fascinante observar essa romantização. A gente cresce acreditando que fazer cerâmica artesanal é um evento sensual, onde a luz do fim de tarde invade o estúdio enquanto a música “Unchained Melody” toca ao fundo e tudo dá perfeitamente certo na primeira tentativa. A realidade, meus amigos, é um pouco mais encardida e infinitamente mais complexa.

A arte de moldar o barro é, na sua essência mais pura, uma batalha silenciosa e suja com os quatro elementos da natureza. Você precisa da terra para dar o corpo, da água para domar a resistência, do ar para secar no tempo exato sem causar rachaduras e, finalmente, do fogo para selar o destino da peça. Falhar no equilíbrio de apenas um desses elementos transforma horas de trabalho meticuloso em um monte de pó ou em cacos irreconhecíveis no fundo do forno. Não há atalhos de teclado. Não há botão de desfazer. Se a gravidade vencer na roda, o vaso colapsa. Se o ar for seco demais, a peça trinca antes mesmo de assar. É uma aula magistral e implacável de paciência, uma virtude que a nossa rotina de atualizações automáticas e notificações em tempo real praticamente aniquilou.

Quando olhamos para a história dessa arte, a narrativa fica ainda mais impressionante e, por vezes, deliciosamente bizarra. Muito antes de dominarmos a alquimia térmica para vitrificar o barro, nossos antepassados já sentiam essa necessidade quase obsessiva de deixar uma marca, de fabricar utilidade a partir do chão que pisavam. As cerâmicas mais

antigas do mundo de que se tem notícia foram moldadas pelas mãos da cultura Jomon, no Japão, impressionantes 6000 anos antes de Cristo. Naquela época, o luxo de um forno controlado não existia. As peças eram formadas com a paciência de quem não tem pressa e secas sob a inclemência do sol. Eram incrivelmente frágeis, o tipo de artefato que exigia um cuidado absoluto no manuseio, muito diferente das canecas térmicas indestrutíveis que usamos hoje para manter nosso café vivo durante as reuniões da tarde.

E se você acha que o processo moderno é rústico, imagine a vida dos ceramistas da cultura Paracas, no antigo Peru. Os arqueólogos, escavando e analisando artefatos coloridos que sobreviveram ao tempo, descobriram que aqueles artesãos produziam seus pigmentos vibrantes utilizando uma base, digamos, inusitada: urina de réptil. Pense nisso da próxima vez que você reclamar que a cor da sua apresentação não está com o exato tom de contraste que você queria. Havia um nível de comprometimento com a paleta de cores no mundo antigo que envolvia literalmente rastrear lagartos para extrair fluidos e garantir que a pintura do vaso ficasse perfeita. Isso sim é dedicação ao design.

A mágica real da cerâmica, no entanto, acontece longe dos olhos humanos. Ocorre no ventre escuro do forno. A química que opera ali dentro é violenta e transformadora. Um forno de cerâmica contemporâneo pode alcançar temperaturas brutais, superiores a 1400°C. Para colocar isso em perspectiva, é um calor tão absurdo que a própria composição molecular da argila se altera de forma irreversível. O que entrou como uma lama seca e porosa sai de lá impermeável, transformado em pedra pelo rigor do fogo. É o rito de passagem final, o teste de fogo literal. A peça pode estourar, rachar, deformar ou nascer perfeita. O ceramista entrega o controle e reza para os deuses da termodinâmica.

Aqui no Brasil, essa arte ganhou um rosto, um nome e uma identidade visceral com o genial Mestre Vitalino. Nascido em 1909, na cidade pernambucana de Caruaru, ele não precisava de estúdios climatizados ou rodas elétricas de última geração. Com as mãos mergulhadas no barro do Alto do Moura, Vitalino eternizou o cotidiano, as dores, as festas e a resiliência do povo nordestino. Suas esculturas de barro não são apenas objetos de decoração; são crônicas tridimensionais, documentos históricos moldados com a poeira e a água da sua própria terra. Ele transformou a argila em voz.

Existe um motivo muito lógico para que, em meio a essa era hiperconectada, o contato com a argila seja frequentemente receitado como uma terapia poderosa. O efeito terapêutico é real. O trabalho manual contínuo, a sujeira debaixo das unhas, a exigência de foco absoluto no momento presente para que a peça não desabe, tudo isso atua como um antídoto contra o estresse crônico. Enquanto minhas mãos geralmente estão ocupadas estruturando e-mails complexos ou sovasando massa para um nhoque de domingo na cozinha, as mãos do ceramista estão aterrando a mente. A cerâmica exige que você esteja lá, corpo e atenção, negociando com a terra. Não dá para modelar um vaso enquanto se rola o feed de notícias.

Portanto, neste 28 de maio, o brinde vai para eles. Para os alquimistas do barro, os domadores do fogo, os guardiões de um ofício que nos lembra de onde viemos e do que somos feitos. Eles mantêm viva uma tradição que resiste à obsolescência programada, provando que,

às vezes, a coisa mais revolucionária que podemos fazer é desligar as telas, amassar um pedaço de terra molhada e criar algo que durará muito mais tempo do que nós mesmos. Mesmo que, na prática, a cena não pareça em nada com o filme dos anos 90.

Para Hoje

Para assistir: Filme Ghost (o clássico imortal, excelente para rir do nosso próprio exagero romântico e das expectativas irreais).

Para ouvir: Unchained Melody (a trilha sonora inevitável que vai ficar grudada na sua cabeça só de pensar em um pedaço de barro).

Para ler: Biografia de Mestre Vitalino (para entender o peso colossal e a importância da nossa própria história moldada à mão).

Para conhecer: Museu e obras de Mestre Vitalino (seja fisicamente ou em acervos digitais, um mergulho necessário na cultura brasileira).

Conhece alguém que jura que faria vasos incríveis na primeira tentativa ou aquele amigo que precisa urgentemente de um hobby analógico para largar o celular? Manda esse texto para ele. Vai que a próxima obra de arte da casa de vocês sai de um forno a milhares de graus (ou de uma aula experimental desastrosa).

Para mais reflexões sobre como a rotina moderna colide com a realidade (e para ver o que mais a inteligência artificial inventa a partir dos meus devaneios diários), me acompanhe por aqui e nas redes. Sempre tem uma nova história sendo moldada.